

A essência do problema

RAUL PILLA

UM dos grandes matutinos cariocas, que se caracteriza por sistemática impugnação a qualquer alteração do atual regime político, depois de louvar a admirável obra de governo que está realizando Antoine Pinay em França, conclui indagando: «Por que os nossos dirigentes não vão aprender com Pinay, que governa democraticamente, sem culpar a Constituição pelos seus erros e sua incapacidade?»

Estou, neste ponto, de acordo com o articulista. Se o governo não resolve, como fez Pinay na grande república da Europa, os nossos mais prementes problemas, não é porque o impeça a Constituição, que, pelo contrário, lhe confere poderes semiditatoriais: é simplesmente porque não sabe, não quer, ou não pode resolvê-los. Não será uma emenda constitucional a coisa capaz de infundir-lhe o saber, a vontade, ou o poder, que lhe faltam.

Há, porém, um aspecto da questão constitucional, a que deliberadamente foge o jornalista. Como foi que pôde surgir Pinay e transformar-se, do que não era «sequer uma esperança», numa «realidade à altura das mais altas tradições francesas»? Simplesmente porque a sucessiva queda dos gabinetes que falhavam em sua árdua missão, lhe pôde abrir caminho. Fosse rígido, como o nosso, o sistema constitucional francês, e o país seria governado até o fim do mandato presidencial, por um dos governos ineptos que de começo teve. A lei não pode dar atributos a quem não os tem: pode, porém, facilitar a seleção e a substituição dos homens nos postos de comando. Foi o que fez ali o sistema parlamentar.

Tal mecanismo é o que nos está faltando, para que se possa reproduzir no Brasil o caso Pinay, isto é, para que se possa encontrar um governo capaz, sem ter que esperar excessivamente por ele. A questão é, essencialmente, de ordem constitucional. Mas a reforma útil e necessária não é evidentemente a que desejam os atuais governantes.